

GARIMPO OU GESTÃO: CRÍTICA ECOLÓGICA AO PENSAMENTO ECONÔMICO¹

Fernando Oliveira Noal

*Ms. Desenvolvimento Regional, Dr. Ciências Humanas. Pró-Reitoria de Infraestrutura, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: feronoal@yahoo.com.br

Nada mais contemporâneo no cenário das discussões acerca dos desafios socioambientais do planeta que o resgate do pensamento crítico e lúcido de José Lutzenberger nos seus últimos anos e, porque não dizer, décadas de vida, através de uma breve imersão nas suas ideias e reflexões.

Refiro-me dessa forma, pois o livro póstumo “Garimpo ou gestão: crítica ecológica ao pensamento econômico”, lançado em 2009, foi pensado e elaborado por ele desde o início da década de noventa, do século passado e viabilizado através do esforço de várias pessoas ligadas ao autor, mas principalmente da escritora e jornalista Lilian Dreyer que resgatou os textos, estruturou-os e organizou-os em forma de livro, a partir de manuscritos, compilações diversas, arquivos em disquetes e versões múltiplas sobre o universo dos temas tratados.

No ano de 2004, essa mesma escritora já havia organizado outra obra póstuma chamada Sinfonia Inacabada - A vida de José Lutzenberger que é uma coletânea de artigos, entrevistas e escritos que estavam sendo preparados por ele e pela autora para publicação quando ocorreu sua morte em 2002 e que pode ser considerada uma biografia de José Lutzenberger.

José Antônio Lutzenberger era um apaixonado por história natural e por excursões (principalmente nos arredores de Porto Alegre, cidade onde nasceu), consequência nítida da influência de seu pai, um arquiteto alemão. Na escrita,

¹ LUTZENBERGER, José. Porto Alegre: Mais que nada Administração Cultural, 2009. 208 p.

possuía um estilo próprio que era contundente, porém com características especiais que tornam a sua leitura e interpretação muito agradável, além de fácil compreensão.

Paralelamente a sua militância ecologista e muitas vezes ecopolítica, produziu livros desde a década de oitenta do século passado. Mesmo sendo um visionário, um idealista, um militante ecologista em tempo integral e tendo recebido do Parlamento Sueco em 1988 o *Livelihood Award*, o prêmio Nobel Alternativo, Lutz - como era conhecido pelos mais íntimos - não se tornou um personagem conhecido popularmente no Brasil nesses mais de 30 anos de atuação ecologista. No exterior, ao contrário, era reconhecido e respeitado, sendo convidado a palestrar, participar em eventos e emitir opiniões e pareceres em diversos países do mundo e em diversas situações.

Mesmo assim, a sua trajetória cosmopolita e muitas vezes libertária, de extrema desenvoltura e lucidez, parece não ter sido suficiente para possibilitar que suas advertências sobre a necessidade de mudanças de rumo do planeta fossem consideradas como sensatas e levadas em conta nas decisões dos países, dos bancos e agências financiadoras, da grande indústria internacional e da sociedade de maneira geral. Inúmeras vezes ele foi estigmatizado como apocalíptico, catastrofista e extemporâneo. Poucas décadas comprovaram que ele não era nada disto, era um cidadão extremamente preocupado com os destinos que a sociedade vem dando ao planeta.

Talvez a característica principal do autor e de sua atuação, desde o início dos anos 70 do século passado era, além da inteligência, da curiosidade e da visão cosmopolita da vida e do planeta, a capacidade que possuía de transitar nos caminhos da ecologia humana e ecologia política em plena época da ditadura militar brasileira sem ser “reconhecido” pelos militares como um agitador cultural ou mesmo um subversivo.

José Lutzenberger, durante esse período, discursava em reuniões públicas, escrevia em revistas e jornais, organizou e coordenou a AGAPAN² por muitos anos e nunca foi censurado ou perseguido pela sua atuação. Para a época, isso foi muito importante, pois era uma voz contestadora e agregadora de apoios e iniciativas em tempos de pensamento único e de ausência de oposições ao regime vigente. Como interpretar isso, sob a voracidade da regulação e do controle do

² AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural) foi uma entidade criada em 1971, em Porto Alegre RS, por Lutzenberger e outros ecologistas de varias formações e origens acadêmicas, filosóficas e políticas. Atuava na defesa das questões socioambientais locais e planetárias, tendo sido uma das iniciativas precursoras e influenciadoras dos movimentos ecologistas no Brasil.

pensamento e das manifestações, implementada pelos serviços secretos de informações e espionagem a disposição dos generais no poder na época?

Descuido ou talvez cegueira, pois é razoável pensar que a “inteligência” militar não tenha conseguido estabelecer vínculos entre as questões ecológicas e os horizontes da política, da sociedade e da ideologia.

A defesa das árvores e da fauna, a crítica da poda urbana, as reclamações sobre o mau cheiro das indústrias poluidoras, o alerta contra a inclusão da matriz energética nuclear no Brasil, a crítica aos grandes projetos hidrelétricos, principalmente no território amazônico, a defesa das culturas indígenas e dos seus territórios, entre outras coisas, felizmente parecem não ter alertado os serviços de controle, regulação e censura da ditadura militar para calar sua voz,

Um episódio que marcou a forte atuação do movimento ecologista do qual ele fazia parte na época, foi a atitude de um estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1975, membro da AGAPAN, que subiu em uma árvore (Tipuana), na Avenida João Pessoa, região central de Porto Alegre, para que ela não fosse cortada por uma equipe da Prefeitura Municipal envolvida com as obras de construção do Viaduto Imperatriz Leopoldina. Ele ficou horas a fio sobre os galhos da árvore, a mais de 8 metros de altura, até que foi negociada a descida com a presença policial.

A imprensa deu grande destaque ao fato, pois houve confusão devido ao envolvimento policial, sendo que vários membros da AGAPAN tiveram que depor na delegacia, inclusive Lutz. Resultado: ninguém ficou preso e a árvore, assim como varias outras nas proximidades, continua viva até hoje, mesmo com a construção do viaduto que já ultrapassa três décadas.

Garimpo ou gestão é uma obra que segue o estilo de Lutz no sentido de apontar críticas a respeito dos rumos da sociedade contemporânea e sugerir horizontes prescritivos para a minimização dos problemas já existentes nos mais diversos aspectos socioambientais e da ecologia política e apontar soluções alternativas para questões ainda não decididas ou não implantadas.

Também, descreve com clareza o histórico do processo de desenvolvimento no Brasil desde as primeiras décadas do século XX, mas com ênfase na segunda metade do mesmo e as políticas desenvolvimentistas dos governos militares e tecnocráticos e seus aliados como o mercado financeiro internacional, Banco Mundial, FMI etc.

Particularmente, não tenho muita simpatia pela expressão gestão por associá-la às questões e às estratégias da moderna administração e da eficácia do mercado, além das vertentes acadêmicas que fizeram proliferar inúmeros cursos de especialização e mestrado em gestão de inúmeras variáveis - pessoas, ambiente, comércio, indústria, administração pública etc.

No entanto, considero que o título da obra caracteriza bem a dualidade e os desafios que ele aponta inclusive em uma perspectiva futura onde ele não vislumbra estar presente, mas, mesmo assim, gostaria, segundo ele, de poder visitar cosmicamente o planeta para ver como estariam todas as coisas daqui a 50, 100, 500, 1000 ou mais anos e interpretar se as mudanças foram boas ou más.

Lutzenberger priorizava e defendia soluções autóctones, econômicas, simples e descentralizadas que, entre outros aspectos, respeitassem as comunidades locais, que consumissem o que está próximo, que não exigissem consumo exagerado de energia e recursos hídricos e que os sujeitos envolvidos tivessem conhecimento dos fenômenos naturais e técnicos para poderem compreender a complexidade das decisões e escolhas a serem tomadas.

Todas essas questões são recorrentes no texto de Garimpo ou gestão: crítica ecológica ao pensamento econômico, em seus cinco capítulos, que abordam a crítica da tecnologia, do pensamento econômico dominante, do modelo de desenvolvimento (ou desenvolvimentista), a possibilidade de um convívio sustentável e de um novo paradigma, respectivamente.

A obra em questão é enriquecida por um posfácio de Washington Novaes, jornalista que acompanha o trabalho de Lutzenberger há muito tempo e que alerta e documenta lucidamente através de artigos, entrevistas e participações em programas, inúmeras questões relacionadas à degradação do planeta e à necessidade de mudança de rumos da sociedade. Ambas as vozes que há décadas alertam sobre os descaminhos da civilização contemporânea e que infelizmente acertaram suas quase previsões a respeito do futuro obscuro e catastrófico da energia nuclear mesmo que para fins pacíficos.

Ainda em tempo, no momento que esse texto foi finalizado (Abril de 2011) a Usina Nuclear de Fukushima, no Japão após sofrer graves avarias estava para ser desativada. Alguns reatores enfrentam problemas de refrigeração e vazamento de água radioativa. Passado mais de um mês do grande terremoto e do subsequente tsunami que atingiram a costa leste do Japão, a dificuldade em refrigerar quatro dos sei reatores fez com que as autoridades decidissem pela desativação de parte da usina nuclear.

Na esteira da crise provocada pelo vazamento de materiais radioativos das usinas nucleares no Japão, outros países, inclusive da União Europeia estudam formas de barrar o avanço da dependência nuclear para fins energéticos. No Japão, setores importantes da sociedade já estão organizados para reivindicar o fim da matriz energética nuclear para o país. Algumas manifestações já ocorreram na esteira dos acontecimentos que destruíram algumas cidades e indústrias, desalojaram população civil e desacreditaram a população quanto ao futuro desta

forma de energia, que no Japão representa quase 20% da demanda energética, percentual razoavelmente alto.

Infelizmente, o Brasil e seus administradores parecem caminhar na contramão do processo histórico que vem sugerindo o abandono dessa matriz energética, já que continuam investindo no planejamento e cronograma de implantação do Programa Nuclear Brasileiro, através de Angra III e outras.

Os efeitos e consequências das explosões em Hiroshima e Nagasaki em 1945 - ainda que ocasionados pela guerra -, o episódio de Three Mile Island, na Pensilvânia, nos Estados Unidos, em 1979 e o acidente no reator nuclear da usina de Chernobyl, em Kiev, na Ucrânia (ex-URSS), em 1986, que espalhou radiação numa área de 140.000 quilômetros quadrados, parecem não ter sensibilizado este setor decisório. Malgrado o estrago causado na sociedade japonesa, é possível que Fukushima permita esse tipo de reflexão crítica por todo o planeta.

Catastrofista? Pessimista? Profeta do apocalipse? Não creio nisso. Lutz e seu pensamento estão mais vivos do que nunca pela sua atualidade. Essa coletânea de ideias na forma de textos mostra que, mesmo tendo sido escritos entre o final dos anos oitenta, anos noventa do século passado e no início deste século, seus argumentos e horizontes problematizadores antecipam as grandes questões socioambientais da atualidade. Parafraçando Washington Novaes, no final do posfácio: Lutzenberger pode ser o nosso grande mestre.